

Essa foi a coisa  
mais linda que fiz  
essa noite

De Thor Vaz Almada  
Para Ludmila Brandão e Edu Coutinho  
Música de Leopoldo Vaz Eustáquio

## **FICHA TÉCNICA**

**Texto e encenação: Thor Vaz Almada**

**Com: Edu Coutinho, Ludmila Brandão e Thor Vaz**

**Composições: Leopoldo Vaz Eustáquio**

### **Sinopse:**

Três amigos viajam pelas grandes cidades do mundo com um objetivo específico: conhecer pessoas incríveis. Decididos a viver na prática a filosofia poética da arte, estão convencidos de que as maravilhas do mundo são as experiências diversas baseadas no prazer e no próprio ser humano. Dessa forma fazem uma aposta entre si sobre quem consegue viver a melhor noite durante a viagem ao redor do globo. No fim desta aventura descobrirão o quanto ela modificou os seus espíritos.

## **PRÓLOGO – Ele não está entre nós**

**\*Ainda fora do teatro a multidão se acumula. Os atores, à paisana, chegam como chegam os espectadores. Um primeiro e outro depois. Simpáticos, ainda que sérios, conversam amistosamente com alguns espectadores enquanto procuram um ao outro. Na hora marcada todos vão entrando no teatro. A atriz e o ator preparam as luzes.**

**EDU**

E agora, Lud?

**LUD**

E agora, Edu?

**EDU**

E agora, Lud?

**\*Lud sorri com certa ambiguidade.**

**EDU**

Eu vou explicar pra eles. Este é um espetáculo, como vocês sabem, que foi divulgado com o nome de “Essa foi a coisa mais linda que fiz essa noite”...

**LUD**

Este não é o espetáculo...

**EDU**

É isso, eu vou explicar... *(pausa)*

*(silêncio)*

**EDU**

O espetáculo foi divulgado com este nome, e nós estávamos ensaiando ele até o finalzinho de outubro, eu, Lud e Thor que é nosso amigo, o terceiro ator que faria ou fará conosco algum dia.

**LUD**

Escreveu e dirigiu.

**EDU**

Isso tudo em Salvador que é onde Thor estava morando... Está. Não sei. E é realmente uma pena que ele não esteja aqui, ele é considerado um dos maiores atores da atual geração.

**LUD**

Com certeza.

**EDU**

A mistura harmônica entre Marlon Brando e Al Pacino.

**LUD**

Com uma pitadinha de Fábio Assunção. Enfim. Fizemos a divulgação toda, tem alguns cartazes pela cidade...

**EDU**

Aqui.

**LUD**

Isso, aqui.

**EDU**

Decoramos texto, tudo como o corriqueiro, enfim. E... (*pausa*) Enfim, ás vésperas da nossa estreia descobrimos que Thor não faria, que não seria... possível ele vir. (*olha para a atriz. Ela sorri triangulando com o público, quase constrangida, quase rindo.*)

**LUD**

Thor recebeu uma ligação da Califórnia, isso tem duas semanas...

**EDU**

Thor não fala inglês não é?!

**LUD**

Diz ele que fala. Ele me mostrou o código e atendeu e de repente escutou alguém do outro lado. (**Com Edu**) Você conhece a história, faz aí.

**EDU**

Hello, Mr. Thor?

**LUD**

E ele: "Hello my brother, is english?

**EDU**

Mr. Thor, I'm an assistant to Mr. Ang Lee. How are you?

**LUD**

I am fine, my brother, thanks. Everything writhe?!/ Isso tudo no viva-voz.

**EDU**

Isso tudo com a gente do lado. Ele usa muito o viva-voz. / Thor, mr. Lee is filming his new feature in two months. We received a material from you, in fact there was a great indication of your name by Mr. Algaraphia, I am not sure if you already know each other personally, and we even had some difficulty finding you because Mr. You don't have a phone number, correct?

**LUD**

Ele não tem telefone. As pessoas ligam pra mim pra falar com ele, tem gente que acha que eu sou secretária dele. E ele não fala inglês/ Please my babe, repeat please. I d'ont scut you, the ligation is the bad.

**EDU**

I do not understand.

**LUD**

Speat one litle my friend./ E aí ele me chama./ Talk with my secretary, great friend my.

**EDU**

A partir daí eu já não escuto mais a conversa. Só as respostas de Lud.

**LUD**

Ok. Ok. Next week? For sure. Ok.

**EDU**

Alguém veio até Salvador conversar com ele em dois dias, trouxeram um tradutor. Dez dias depois ele estava viajando pra Califórnia.

**LUD**

Simples assim. Em um ano e meio ele deve estrear como um dos protagonistas do novo filme de Ang Lee.

**EDU**

Dizem as boas línguas que ele fez um trabalho espiritual plantando uma semente aqui perto da praia de Botafogo, onde tem muito trânsito de carros. E a carreira dele frutificou, tá alcançando estados. Um homem místico, de mistérios.

**LUD**

E aí ele não poderia fazer o espetáculo aqui conosco. Mas ofereceu mundos e fundos, disse que na volta pagaria outro espetáculo, disse que ia nos dar 10% do salário.

**EDU**

Eu quase aceitei.

**LUD**

Mas a gente já tinha fechado a pauta aqui.

**EDU**

Todo mundo sabe como funciona a pauta de um teatro? É o aluguel do espaço...

**LUD**

E não só isso... Tem o nosso tempo de vida.

**EDU**

Do que se trata isso.

**LUD**

Isso. Do que se trata isso, esse evento de reunir pessoas, o porquê de fazermos isso. Tem uma história a ser contada, uma mensagem, mas tem também algo pra além disso tudo. Algo que está acima das pessoas físicas, digamos assim. É...

**EDU**

É isso... As simbologias mágicas do universo.

**LUD**

Coloca a música... Tem uma outra coisa que é muito especial e que independe – poucas pessoas têm a noção disso – mas independe completamente da mensagem, do modismo, do gênero; não importa se é comédia, se é stand up, se é suspense, se é A TEMPESTADE de Shakespeare ou Hollywood, desimportante... É o teatro em essência. E isso eu nem sei dizer exatamente, dizer em palavras o que significa. E nem sei dizer se é

teatro o nome que se dá, com certeza não é o nome que as pessoas identificam, as pessoas não sabem o que significa a palavra “teatro” em essência. Mas é essa energia do encontro. Ás vezes, com o passar do tempo a gente perde um pouco o entendimento do que significa a palavra cultura, a própria cultura vai se desfazendo, sei lá. E a gente esquece o porquê comemoramos aniversários, o porquê de soprar uma vela... porquê sopramos uma vela? Qual o sentido? Casamento; tem gente que mora de aluguel e gasta trinta mil reais numa festa de casamento, uma coisa etérea que em pouco tempo só vive em matéria no álbum de fotos, ou nem isso; hoje em dia as fotos são todas virtuais, no instagram. De resto é 90% do dinheiro em comida e bebida, se passa 6 horas e não resta nada da festa. Em todo caso, é o valor que se paga. Um velório, um enterro, jogar as cinzas do morto em algum canto, gastar o valor de uma moto em um caixão pra colocar dentro uma pessoa morta e depois enterrar, jogar terra até encher e depois jogar cimento e colocar placas de cimento e depois um tablet de pedra – uma lápide - explicando quem está ali. São coisas que a gente faz junto, e gasta dinheiro e vira a prioridade da nossa vida naquele momento, mas que a gente não sabe bem o porquê. Essa é a beleza do teatro. Esse mistério. **(pausa)** Lidar com esse mistério.

**EDU**

Engraçado que pra muitos artistas de teatro, a única justificativa para se faltar a uma peça é a morte. A morte de alguém muito próximo. Ou, ás vezes só a morte da próprio ator justifica que ele falte ao espetáculo. Num velório já é o contrário, é o único motivo para se ir. A morte. Eu não gosto de ir a velórios, só pretendo ir no meu.

**LUD**

Fora a morte existe um outro motivo pra se faltar a um espetáculo de teatro.

**EDU**

Um convite para ser protagonista de Hollywood, talvez.

**LUD**

Talvez. E é por isso que nós decidimos não cancelar a temporada. Existe um significado maior em tudo. E é por isso que nós estamos aqui.

**EDU**

E Thor não.

### ATO 1 - Gabriela

**LUD**

Eu acho que não é sobre isso. Não se trata disso. Sobre a falta de alguém. Ou será que é sobre isso? Quando alguém vai pra outro nível de estado e nós continuamos aqui. A gente explicou o motivo de estarmos fazendo o que estamos fazendo...

**EDU**

De continuarmos fazendo o que nós planejamos...

**LUD**

Então, explicamos o panorama, as circunstâncias. Acho que todo mundo já entendeu. Agora se trata de nós que aqui estamos; e pra onde vamos? ... Pra onde vamos não importa, o que me importa neste momento é nós que aqui estamos.

**EDU**

Então a gente não fala mais dele. Que aqui não está. Como alguém que morreu.

**LUD**

Não se trata disso, é que não é sobre ele. Pode ser, mas... Muitos não estão aqui. Muitos não estão aqui. E nós estamos aqui, e isso é o importante nesse momento.

**EDU**

Não citamos mais o nome dele.

**LUD**

Ele quem? Quantos eles existem? Pra mim se trata disso. Thor não é mais uma pessoa. Ele é uma ideia, uma obra. Uma lembrança de momentos, apesar de o amarmos. E ele não está aqui. Isso não faz dele especial, o contrário. Faz dele igual a imensa maioria das pessoas...

**EDU**

Que também não estão aqui. (**Para alguém da plateia**) Me diga o nome de uma pessoa que você ame muito e não esteja aqui neste momento...

**LUD**

Aqui no teatro.

**\*A pessoa dirá um nome e esse nome passará a ser o nome usado para Thor. Por exemplo: Gabriela. Os dois anotam o nome nas mãos. Começa uma entrevista com alguém da plateia.**

**LUD**

Como Gabriela é fisicamente? O que ela é sua?

**EDU**

Me conta uma estória engraçada que vocês viveram.

**LUD**

Entendi quem é ela.

**EDU**

Gabriela está morta. Não sei se mudei de assunto muito drasticamente. Só estou trocando os nomes pra vocês entenderem o que significa isso. É só um nome, mas você entende a força do que está acontecendo aqui. O sucesso, a morte. Gabriela não está presente. Está em uma outra frequência de estado, intocável. Gabriela está morta. E o teatro continua.

**LUD**

Numa homenagem a nós que estamos vivos. Que estamos aqui.

**EDU**

Isso é uma metáfora sobre o dentro e o fora. Entendem? Tudo o que não está aqui, neste momento, está morto. Está fora de alcance, é impalpável. Vamos nos acostumando com essa perda.

**LUD**

E nós aqui, vivos. Ou o contrário, talvez nós é que sejamos impalpáveis. Mas estamos juntos, esse é o nosso elo, e agora esse vai ser o nosso mundo. Essa sala. Tudo o que podemos ver, ouvir e tocar.

**EDU**

Um purgatório cristão, resumindo.

**LUD**

Cristão não.

**EDU**

É só uma referência. Pra entendermos. Gabriela é uma referência real do que Thor era. É. Será. Então vamos todos dar tchau pra Gabriela, tchau Gabriela!

**LUD**

Adeus Gabriela!

**EDU**

Vai com Deus Gabriela. É isso, acabou. Acabou. Vamos dar as mãos aqui, todos. Vamos fazer isso. Troca a luz, Lud. Tem uma música que eu quero cantar com vocês. A música predileta de Gabriela. Talvez pareça um pouco forçado neste momento, mas depois vocês vão entender. É o que se pode fazer em uma semana de ensaio.

**\*Edu começa a cantar a música, todos estão de mãos dadas, ainda que em seu lugares. Lud e Edu colados com o público. Aos poucos Lud vai acompanhando Edu e os dois vão se empolgando.**

*“É festa/ Em Rios do lado de cá.../ Calço um par nos pés/ Trajo algum pano bom e jeans/ e saio de casa...”*

**EDU (já trocando a luz)**

Tem uma cena que a gente pode aproveitar com vocês.

**LUD**

Qual?

**EDU**

A que somos nós dois, a minha predileta, vai ser bom. Me acompanha. Essa parte que a gente finge que não ensaiou é sempre meio estranha, me sinto um canastrão.

**\*Lud olha indecisa pra ele, quase criticando a urgência. Por não ter opção, segue. Os dois solilóquios a seguir são dados simultaneamente.**

**EDU**

De tudo ao meu amor serei atento antes... Eu sempre recitei esse poema com o maior orgulho de ter decorado, desde pirralho, e foi outro dia que eu realmente entendi o verso, porque ele é cortado antes da hora. Vinicius diz: “De tudo, ao meu amor serei atento...” E só depois ele completa: “Antes, e com tal zelo e sempre e tanto...”. De forma que eu nunca considerei a vírgula depois do “De tudo”. É “de tudo” vírgula. E aí ele completa a frase. O significado é que ele antes de tudo será atento ao seu amor. Antes de tudo, poxa, o seu amor. Isso é muito lindo, ainda mais bonito do que eu achei que fosse, e muito mais complexo, e muito mais difícil. Antes de tudo. Eu nunca tinha entendido essa frase, nunca. Com dezessete anos eu queria um carro, queria andar de carro. Andar de ônibus em Salvador é uma tarefa Hercúlea, qualquer compromisso é passível de atraso porque os ônibus quase não têm hora fixa pra passar, enfim, também não existe esse conforto de andar pelas ruas, mas enfim, é uma questão minha. Quis um carro, e fiz de tudo, tirei carteira, trabalhei, insisti com meu pai e ganhei o carro, a porra do carro. E aí já tinha passado na faculdade, eu fiz dois anos de medicina, acho que pouca gente sabe disso, eu passei na federal, comprei uma parte e ganhei a grande parte do carro, e fiz dois anos de faculdade e dentro da faculdade tem tanta distração, tanto projeto, tanta desculpa pra estudar mais, aquele jogo de ego juvenil chamado faculdade. Quando larguei a faculdade estava finalmente me encontrando como ator, me sentindo livre, sei lá, me encontrando como pessoa. E viajei pelo mundo e vendi o carro e não queria me apegar a ninguém. E depois voltei pra Salvador e comecei a fazer espetáculos e comecei a me dedicar a ser alguém notável (ri). Porra, “de tudo, ao meu amor serei atento”, eu declamei isso diversas vezes. Namorei umas cinco pessoas em uns 3 anos. Caralho, essa vírgula me fudeu, “serei atento antes”. Esse antes é essencial, é a coisa. A coisa é esse antes. E eu tinha um carro. E quando alguma coisa acontecia no carro eu

vivia para a oficina e alugava um carro pelo seguro. De tudo, ao meu amor serei atento antes, caceta. Canalha bebê. Eu nunca tinha me dado conta que eu não entendia o básico. E fui perceber tem poucos dias, eu não entendia o básico.

## LUD

Quando eu era um bebê, menos de dois anos, eu morava em uma cidade do interior da Bahia com a minha avó, e nesse dia eu mergulhei na bacia que ela usava pra me dar banho. Deve ser uma das primeiras remotas lembranças que eu tenho de mim, esse mergulho numa piscina juvenil. E eu lembro das cores da cidade, o cheiro. Um filtro sépia, com certeza, e todos os personagens tipos que rondava a casa e entravam na casa e eram expulsos por minha avó. Que é um arquétipo de todo meu amor. É engraçado que eu me lembre desse mergulho e lembro do piso como se eu tivesse visto numa foto e essa foto não existe. E Beto Guedes é uma figura viva nesse lugar da minha memória, "Amor de índio". Uma coisa específica, melódica, de um interior que ascende para a capital quando quiser, mas que não é da capital e não é dali tampouco. É do mundo, provavelmente de um outro mundo. E toda essa questão do afeto, de todos os namorados de minhas tias que foram expulsos por minha avó, e por mim. Eu fui dama de honra no casamento de minha tia e fiz xixi. E eu nunca tinha entendido isso até alguns poucos dias atrás? (ri) Um símbolo, um prólogo, a minha infância. Sim, todo amor é sagrado e remove as montanhas com todo cuidado pra te dar...

## EDU (*Diretamente para alguém do público. Às vezes muda a pessoa.*)

Saber amar, saber deixar alguém te amar. Paralamas é uma banda que eu amo desde criança, porque desde criança eu gosto de carro e é uma banda com um nome que me remete logo de imediato a um carro. Existe uma vontade muito grande de atravessamentos, nada de João Gilberto. Você conhece o Artic Monkeys? É uma energia de flechada, de se ir aonde quiser ir, é uma banda de Rock, é incensurável. Um show em estádio de futebol lotado, com um ingresso caríssimo, a força de movimentar as pessoas em seus carros, às vezes em seus pés, como em Woodstock, no meio da lama, no meio da guerra, em meio a tudo alguém diz: "A minha voz não fica boa em locais abertos, e tem muita lama". Neste momento se fecha uma porta. A grande coisa é gostar do que se faz, amar o que se faz, amar. Antes de tudo, o amor. Primeiro eu amo, depois eu penso e olhe lá. Depois eu conceituo, depois eu me esforço pra entender, mas antes de tudo ao meu amor serei atento. Nisso, o atravessamento do Rock me agrada em absoluto. Vocês devem imaginar que um show nunca termina quando termina o show. O evento acaba muito tempo depois e repercute pela eternidade daquelas pessoas, gera boas consequências, faz-se amigos nos camarins e nas estradas e nas noites que se seguem até a manhã do dia seguinte. A gente tem muito o que conversar depois daqui, quando acabar. Nada é à toa, tenho assuntos importantíssimos contigo.

## LUD (*Diretamente para alguém do público. Às vezes muda a pessoa.*)

Na tonga da mironga do cabulevê. Um prólogo não é um epílogo. Deixemos claro. A vida começa e se desenvolve e a evolução é sempre infinita. Se você começa num ponto X a única certeza que você tem na vida e na não-vida, ou melhor dizendo, na extra-vida, é

que no ponto X você não permanecerá eternamente. Até uma pedra, grande pedra está sempre se movendo. Quanto menor você é, menos você percebe. Mas um grande gigante, um gigante realmente grande, é óbvio que ele percebe o movimento das placas tectônicas, até os continentes se movem e se unem e se separam formando novos continentes. Os grandes oceanos de água salgada se tornam, em parte, pequenos lagos onde o sal evapora, eles mudam de nome conforme o passar de milênios! E eu? Pequena que seja, estou no caminho certo. Você está trilhando um lindo caminho mais que certo, rumo ao céu, o céu na Terra. O destino. Os encontros verdadeiros, as obras gigantescas mesmo em sua simplicidade. A história é tão bonita quando se lembra dela e quando se imagina ela, ela é tão sublime. E no presente, nós temos de conversar mais. Nos aproveitas mais, a nossa materialidade. Eu quero te abraçar um pouco, ou muito. Apertar você nos meus braços, leves mordidas são também bem vindas. A sorte de um amor tranquilo, é uma sorte imensa um amor imenso. A vida é um resumo de tudo que vem antes. E tudo que virá, eu falo no seu olho pessoa. Pessoa.

**\*Encerra a sincronia. Eles se abraçam ou apertam as mãos.**

**LUD**

Você é tão bonito. É um homem tão inteligente. Sagaz, perspicaz. Você não tem gêmeos no mapa.

**EDU**

Você também é muito bonita, muito inteligente.

**LUD**

Sensível, educabilíssimo, um gentleman. Um sorriso de Hollywood...

**EDU**

Você é muito talentosa, você é uma diva, vivi pra conhecer uma diva.

**LUD**

Você é ótimo ator.

**EDU**

E a sua habilidade pra lidar com as pessoas é muito admirável, você tem um dom pra tirar segredos das pessoas.

**LUD**

Um galanteador nato; um filho seu, um bebezinho seu deve ser a coisa mais fofa, você deve ter sido um bebê muito fofo. Eu tenho o dom.

**EDU E LUD**

E porque a gente não se apaixonou um pelo outro?

**LUD**

Como assim, menino?

**EDU**

Esse é o único ponto de conflito da estória, porque não somos um casal?

**LUD**

Porque não somos um casal romântico?

**EDU**

Tínhamos tudo pra ser e simplesmente não somos. Eu te admiro em tudo.

**LUD**

Talvez porque você seja comprometido.

**EDU**

Com Gabriela. Todos somos comprometidos com alguém que não está aqui.

**LUD**

De alguma forma.

**EDU**

E isso não é, em si, um impedimento. Impedimento é correr uma maratona tendo uma perna só, de resto.../ Essa frase é péssima, eu digo porque sou obrigado por contrato, mas essa piada sobre qualquer tipo de limitação me soa tão Casseta e Planeta e anos 90. (?)

**LUD**

Você não tem toda razão, e ao mesmo tempo não é isso.

**EDU**

Por falar nisso eu acabei de lembrar de uma poesia sobre um Saci estranho.

**LUD**

Existe um desencontro entre a maior parte das pessoas, acho que é isso.

**EDU**

Você acha que existe? Existe um movimento de fingir que tudo se encaixa.

**LUD**

Eu não faço parte desse movimento, infelizmente. Felizmente.

**EDU**

Você se casaria? Você gostaria de se casar?

**LUD**

Com você?

**EDU**

Não comigo. Quer dizer, é uma pergunta geral, se é um desejo.

**LUD**

É um desejo. Seria bom, caso acontecesse seria bom.

**EDU**

E comigo?

**LUD**

Com você acho que não. Apesar de eu gostar de você.

**EDU**

Caso, daqui a dez anos, ou quinze anos, se estivermos solteiros, assim assim desiludidos.

**LUD**

Olha, é uma proposta.

**EDU**

Pense com carinho, temos tempo.

**LUD**

Dez, quinze anos. É uma proposta.

**\*Luz intimista. Edu aponta uma lanterna procurando alguém no público.**

**EDU**

Eu gostaria de conversar com alguém, com um de vocês. É uma proposta que vai fazer sentido daqui a dez ou quinze anos.

**LUD**

Ainda é a cena que ele gosta, a predileta dele. É uma cena longa.

**EDU (ainda procurando com a lanterna)**

Em dez ou quinze anos um de vocês ainda vai se lembrar dessa noite. É uma cena longa. Gostaria de conversar com alguém, vai ser uma experiência boa e inesquecível. Quero desvendar os sonhos de alguém através de uma entrevista. Quem gostaria de ser entrevistado/a por mim?

**LUD**

É divertido, não tem nenhum constrangimento. É um momento aqui entre nós.

**EDU**

É uma coisa muito boa. Eu vou fazer perguntas e alguém vai ser mais íntimo. Quando alguém se expõe todo mundo ao redor fica exposto e...

**LUD**

Se cria uma intimidade instantânea.

**EDU**

E seremos amigos íntimos, por pelo menos um dia.

**\*Lud é quem começa a fazer perguntas para a pessoa selecionada depois de Edu trazê-la até o centro do palco, sob o holofote. Olha fixamente nos olhos dela. A cada resposta da pessoa Edu canta o trecho de uma música diferente, sempre alternando o foco de luz entre Lud e a entrevistada.**

**LUD**

Me diga o seu nome.

(...)

**EDU**

*“E a sua história eu não sei, mas me diga só o que for bom...”*

**LUD**

Me diga o nome de um de seus pais.

**EDU**

*“Pai e mãe, ouro de mina, coração, desejo e sina...”*

**LUD**

Em uma palavra, porque você me disse esse nome?

**EDU**

*“Pedi a bênção a minha mãe, dei até logo a meu pai, e saí com a galera que da cabeça não me sai...”*

**LUD**

Da sua infância, me dê uma imagem.

**EDU**

*“Eu ando pelo mundo prestando atenção em cores que eu não sei o nome...”*

**LUD**

O nome de uma pessoa que você amava na infância e que hoje tem pouco contato.  
Quem era ela?

**EDU**

*“Dorme meu pequenininho, dorme que a noite já vem. Seu pai está muito sozinho de tanto amor que ele tem...”*

**LUD**

O que em você existe graças a essa pessoa? Que qualidade ela te deu?

**EDU**

*“Qualquer preço, porque te ignoro te conheço, quando chove ou quando faz frio. N’outro plano te devoraria tal Caetano a Leonardo Dicaprio...”*

**LUD**

Um sonho. Qualquer tipo de sonho.

**EDU**

*“Atrás do arranha-céu tem o céu, tem o céu. Depois tem outro céu sem estrelas...”*

**LUD**

O que você gostaria de pedir pra mim?

**EDU**

*“E o meu coração vai estar onde o seu estiver...”*

**LUD**

Caso eu fosse Deus, o que você pediria pra mim?

**\*Após a resposta Lud, carinhosamente, leva a espectadora de novo para o seu lugar, e Edu toma o lugar do centro. Lud acompanha melodicamente no violão.**

**LUD**

Edu, me conte como foi a noite passada. Na França...

**EDU**

Linda. Foi linda. Foi linda. Tem quase um ano, eu lembro como se fosse ontem. Essa noite Sofia estava emburrada, eu olhava pra ela e ficava desentendido e olhava pra rua, me perguntava levemente como alguém consegue ficar emburrado em Paris. Você sabe que Paris é a minha casa, né? Só fui essa vez, mas me identifiquei como se tivesse morado três encarnações lá. E é engraçado lembrar de Sofia agora, tem uns três meses que eu não falo com ela, pelo menos. E eu amava aquela menina, eu tinha a sensação às vezes de respirar o ar que ela jogava fora, sabe como é isso? Ao mesmo tempo super tranquilo, tinha um amor intenso, cármbico, e ao mesmo tempo muito desapegado.

Nunca tive ciúme dela, apesar de eu ser um pouco ciumento, mais com coisas materiais, o meu carro por exemplo eu não emprestava a ninguém. Com Sofia eu tinha um amor desapegado estranho. E achava ela bonita no grau certo, com um espírito leve. E nesse dia ela estava especialmente intragável, ela era a única coisa incômoda, e nem chegou a ser um incômodo, eu tenho a sensação de que eu a via como uma irmã mais nova e birrenta neste dia. A gente estava caminhando pela Rua Saint Dominique, devia ser umas 18:30 da noite e a gente caminhando pela Saint Dominique que é bem larga, a gente ia caminhar quase ela inteira porque nesse dia estava tendo um evento, tipo uma exposição na Maison de L'amerique Latine, e por coincidência Isadora ia fazer uma performance lá e a gente estava indo assistir. Não sei se você conheceu Isadora... Acho que era coisa de vinte minutos de caminhada e é muito agradável caminhar lá, eu estava escutando Esperanza Spalding no celular, sem fone, eu e Sofia. A gente em silêncio porque ela estava emburrada. Engraçado as coisas que a gente lembra, parece que foi ontem. E a Casa Latino Americana é linda, uma mansão como chama, aquela arquitetura do século XVIII, não sei que século, super imponente e super conservada, parece que foi construída ano passado. A gente entrou, tinha uma saletinha de recepção, pequena, com algumas fotografias na parede, e logo a frente um gramado lindo, um jardim extenso, verde verde. Aqueles bustos de mármore e, claro, Isadora performando, não sei se você conheceu Isadora. Sofia emburrada, quando entrou na mansão já melhorou um pouco o humor, ela é super curiosa, entramos na saletinha ela já largou a minha mão, foi bisbilhotar as fotografias e eu continuei caminhando pra frente porque já tinha visto Isadora lá no meio do gramado e Isadora é linda, linda. Fui descendo os degraus, Sofia já no meu ombro deslumbrada com Isadora, com o jardim – quando a arquitetura se une com a natureza, mesmo que só num jardim amplo, é um fenômeno – e Sofia é arquiteta formada, quase formada. Enfim, ficamos uma meia hora por lá, acho que só tinha a gente de brasileiro. Isadora dançando, ela é da dança do ventre ao mesmo tempo misturada com Artaud, mas nesse dia ela estava bem tranquilinha, uma energia mais leve, mais palatável. Da performance dela eu lembro bem pouquinho, o fim da tarde tinha uma luz muito muito bonita, o espaço era muito agradável, tudo estava muito harmônico e ela ficou seminua em algum momento, nos cinco minutos finais. Sofia não estava do meu lado, estava circulando mais distante, e eu olhei pra ela e tinha um semblante feliz, estava adorando aquilo, mas depois até disso eu ouvi, como se eu tivesse levado alguma vantagem por ter visto uma coisa que evidentemente me dera algum prazer, enfim, muitas vezes as pessoas têm um raciocínio de montanha-russa quando convém. Mas Sofia é mais do tipo de montanha-russa de luz, sem muito atropelo, sem muito susto, mas dá voltas bizarras. Isadora voltou, depois de trocar de roupa, nós dois estávamos tomando um prosecco, oferecimento da casa, e ela veio toda radiante pra falar com a gente, Sofia conhecia como minha namorada, sem evidentes intimidades, e Isadora é da sua família logo que te conhece, e a bicha é gata, meu Deus. Aquela beleza de cinema mesmo, muito magnética; eu, antigamente, tinha medo de olhar direto no olho dela por muito tempo, olhava na ponta do nariz ou no meio da testa, porque a beleza dela te puxava pra um abismo, eu tinha essa impressão. Um cabelo lindo, bem preto, nem grosso nem fino... Enfim. E bebemos ali os três algum tempo, sem dar muita bola pros franceses. Tava com aquela sensação boa quando o

prosecco te engana totalmente que a aquela felicidade casual é naturalmente sua, antes de passar do ponto e você perceber a canastrice dele – até então estava natural, fadinhas no ar. E aí alguma coisa entediou Sofia, a beleza violenta entediou Sofia e ela me convidou pra ir andando. E Isadora perguntou: - Vocês estão aqui perto, não é? / “- Sim, aqui na Saint Dominique, 15 minutinhos.” E ela: “- Ótimo, eu moro na rua da universidade, eu vou caminhando com vocês.” Eu acho que ela percebeu algum incômodo em Sofia e acho que ela aproveitou mesmo isso. Quer dizer, ela não é uma pessoa maldosa, ela não dá importância às coisas mais banais, tipo namorada chateada, e ela flerta com a situação com um ar de que tudo é desimportante, até ela mesma e o mundo é lindo e desimportante; era esse o lema, tenho a impressão. Fomos caminhando de volta, agora nós três, agora sem música e no meio pro fim do caminho Isadora diz o seguinte: “- Tem uma coisa que eu queria dizer pra você, Edu. Me veio na cabeça agora, algo me diz que eu tenho que dizer pra você./ - Diga! / E ela, com esse certo charme descompreendido: “- Não, deixa, é uma bobagem.” E a essa altura Sofia já estava quase que visivelmente incomodada. Nada assim de concreto, mas às vezes tem um clima no ar, nada de mal, o sol se pondo finalmente em Paris, nós três caminhando na Saint Dominique, e ela sentia que Isadora estava numa provocação ingênua, como se as duas tivessem oito anos de idade. Nem sei direito como isso começou, nem era sobre mim, eu era só o mote. Ela disse: “- Me pediram pra te dizer que não se pode ser amo de dois senhores. E não se pode servir a dois deuses.”/ - Como assim, Isadora, quem te disse isso? Servir a dois deuses?/ “ – Não sei, foi o que me veio na cabeça, achei que você devia saber.” Eu pressenti a treta, nem dei pano pra manga, porque Isadora era uma companhia incrível porque a beleza exala dela, beleza em todos os sentidos, ela vai ser uma das mais incríveis atrizes daqui a uns 10 anos, ela é uma fada; e ao mesmo tempo tem sempre uma treta com ela, uma treta sutil, aquele gostinho doce do mel, mas pra coletar o mel sempre tem alguém se ferrando com um enxame de abelhas, **(ri)** é aquela coisa. E chegando no quarto Sofia encheu tanto a minha cabeça com esse assunto, me perguntou tanta coisa, daquela forma desimportante que ela tem, mas visivelmente incomodada, esse foi um dia dos infernos pra ela, eu acho. Ela queria destrinchar o que significava essa frase, e eu desacreditado: - Você não conhece Isadora? Ela é levianamente aleatória.” Mas ela não conhecia Isadora como eu **(ri)**.

## LUD

Mas conhecerá, porque o mundo é redondo. E aqui nada se cria. Tudo se recria.

## EDU

Um ponto de virada excepcional. Sendo eu, Deus, deixo todos aqui, e fora daqui, livres de seus pecados. Estão todos libertos para a luz, conclamo que eu mesmo estou livre para ascender à pureza das pessoas boas. O crescimento é o nosso carma mais forte. Esse é o resumo.

**\*Edu parece improvisar com um triângulo desde os últimos momentos da fala anterior. Lud pega o violão e canta “A RUA DO PERDÃO”.**

**EDU**

Fim da minha cena predileta.

**ATO 2 – A velha senhora. De fato, sinto o meu peito vazio?**

**(silêncio)**

**LUD**

Gabriela sentada ali no meio dizia:

**EDU**

Você é uma coisa assim luminosa. Se apagar a luz você brilha?

**LUD**

No exato momento em que Edu entrou pela esquerda, radiante:

**EDU**

Confirmado! Vamos pra Alemanha e depois pro Japão!

**LUD E GABRIELA**

Viva! Viva! Conseguimos?!

**EDU**

Pasmem, acabei de receber o e-mail da Onu! / E Gabriela:

**LUD**

Já adianto, no Japão as legendas serão hologramas do I-Ching./ Hexagramas!

**EDU**

Não, pensei hologramas mesmo, nós podemos entrar com roupas verdes onde serão projetados os hexagramas, fazendo butoh, porque lá eles são muito simbolistas.

**LUD**

Quando será a viagem?

**EDU**

Em quatro meses. Quatro cidades na Alemanha e 3 no Japão. E na volta uma apresentação na Onu. / Gabriela empolgada:

**LUD**

Foi o secretário que enviou o e-mail?

**EDU**

Sim, e é possível que conheçamos Obama.

**LUD**

Osama está morto.

**EDU**

Eu disse Obama!

**LUD**

Ahh, isso é ótimo. Você está feliz, príncipe Edu?

**EDU**

Radiante, internamente radiante. / E você, Lud marota, radiante?

**LUD**

Como se eu ganhasse um oscar./ Em 4 anos, minha amiga, é o que diz o oráculo.

**EDU**

E você, Gabriela, está feliz?

**LUD E EDU**

O mais feliz entre os hologramas dos hexagramas do I-Ching. Os alquimistas estão chegando. Estão chegando os alquimistas. Os alquimistas estão chegando. Estão chegando os alquimistas.

*(silêncio)*

**LUD**

O silêncio em companhia é uma das coisas mais bonitas.

**EDU**

E tem ainda mais potência em um teatro.

**LUD**

Mas não pode quebrar. **(pausa longa)** Quando você diz seu nome ela deixa de existir.

*(silêncio)*

**EDU**

Gabriela.

**LUD**

Gabriela.

**EDU**

Gabriela...

**LUD**

As pessoas podiam não deixar seus vazios depois de irem.

*(silêncio)*

**EDU**

Mentira. *(pausa)* Os vazios são nossos. *(pausa)* E ao mesmo tempo, as coisas não significam tanto assim pra mim. A tristeza é mais um hábito do que uma consciência.

**LUD**

A consciência é uma senhorinha amável e rígida.

**EDU**

Ela tem cabelos bem branquinhos, e anda bem devagar, ainda que ereta.

**LUD**

Usa um vestido florido, bem clarinho. Mas sorri pouco e tem olhos brilhantes.

**EDU**

Profundos também.

**LUD**

E muitas rugas, como qualquer senhorinha.

**EDU**

Porque as pessoas não gostam de rugas?

**LUD**

Eu e Edu fomos ontem encontrar uma velha amiga. Ontem perto das 10 da noite ou 4 da tarde. A gente ainda não conhecia ela pessoalmente, mas de alguma forma era uma pessoa muitíssimo familiar pra nós dois.

**EDU**

A gente bateu na porta dela com certa timidez, eu estava um pouco apreensivo sobre como seria.

**LUD**

Uma casinha tão agradável ali no Alto da Boa Vista. Parecia uma casinha amorosa de bruxa.

**EDU**

Ela abriu toda sorridente, já foi mandando a gente entrar toda empolgada. Engraçado que assim que ela abriu a porta e eu escutei a música que estava tocando lá dentro, e o cheiro da casa, e a forma empolgada que ela nos recebia, imediatamente perdi toda a apreensão. Me senti entrando na casa da minha avó boa.

**LUD**

Que energia boa. Uma casa tão lindinha, toda de madeira, bem aconchegante. E uma madeira bem talhada, sabe? Brilhando quase como um cristal, apesar de ser escura e pesada, era leve, convidativa. O corredor de entrada era um pouco pequeno e logo dava na sala, ampla de um tamanho reconfortante.

**EDU**

Na mesinha perto do sofá...

**LUD**

Que sofá delicioso aquele, parecia uma cama pra dormir sentado.

**EDU**

Já tinha um bule de porcelana chinesa, com três xicrinhas.

**LUD**

Dentro um chazinho morno de hibisco. Delicioso.

**EDU**

Nós nos sentamos, ela sorridente. Em silêncio serviu as três xícaras com muito cuidado. Nos serviu.

**LUD**

Se sentou numa poltronazinha do tamanho dela.

**EDU**

Verde, tinha exatamente o tamanho dela.

**LUD**

Bitucou o chazinho, sem pressa. E olhou pra gente. Ela deve ter ficado um minuto em silêncio.

**EDU**

Estava transmitindo alguma coisa pra gente.

**LUD**

Descalça, o tempo inteiro descalça.

**EDU**

Você lembra qual era a música que estava tocando?

**LUD**

Eu não me lembro. Eu lembro do tapete, eu quase pude sentir a textura daquele tapete, que coisa mais amável, meu Deus. Até a textura da madeira parecia massagear um espírito descalço. (**mimetizando**) Vocês são muito bonitos.

**EDU**

O gatinho dela apareceu pela primeira vez no pórtico da sala. Olhou bem pra gente, olhou ao redor, deu as costas e saiu.

**LUD (continua mimetizando)**

Quer dizer que vocês eram amigos de Gabriela?

**EDU**

Thor?

**LUD**

São lindos, lindos. Olhem... Antes de vocês irem – vocês ainda vão demorar aqui comigo – mas antes de irem eu vou dar um guarda-chuva pra vocês. O tempo vai mudar pra melhor. Está quente aí fora.

**EDU**

Aí ela se levantou até a estante que estava bem pertinho da poltrona. Olhou rapidamente procurando algum livro. Puxou um antigo, mas bem cuidado. Entregou em minha mão, já aberto na página. Me disse...

**LUD**

Leia.

**EDU**

E tinha meu nome ali. E vi que logo embaixo tinha o nome de Lud, como indicando falas de personagens. Comecei a ler desconfiado e depois que terminei o meu trecho eu permaneci em silêncio. Depois reli. Mantive o silêncio, muito reflexivo, e novamente reli. Eu repeti a leitura tantas vezes, sempre em silêncio, que decorei tudo que estava ali pra mim. Sem olhar pra ela, passei o livro pra Lud.

**LUD**

Eu li nome de Edu na parte de cima da página, o nome estava em negrito. E vi que tinha meu nome embaixo do trecho, com outro trecho de tamanho similar. Meu coração bateu forte, eu senti a presença de alguém atrás de mim, caminhando. Eu estava um pouco assustada, mas aquele lugar era tão bom. E ela era uma mãe minha. Eu a sentia como minha verdadeira mãe. Esse pensamento veio claro na minha mente, então me acalmei e li o trecho de Edu. Aquilo era simples, caso lido por outra pessoa podia parecer

simples, mas eu fiquei toda arrepiada. Com muita cautela fui descendo o olhar. Li o meu nome, li o meu trecho. Foi como se eu tivesse sido transportada pra outro lugar. Outro lugar onde toda distância é a mesma. Sem tempo definido. Tinha anjos bons comigo.

## EDU

Como vai, príncipe? Como está se sentindo hoje? Minha boa avó está cuidando bem de vocês? Essa é uma pergunta corriqueira, eu sei que vocês estão maravilhados. Apesar de não se poder mais dizer que ela é uma pessoa, ela é maravilhosa. Eu sei que você vai ler esse trecho muitas e muitas vezes. A primeira agora. E é sempre agora, se lembre disso. É sempre a primeira. O favor que te peço, o favor que te relembrar, é que você sempre leia como se escutasse a minha voz. E vez e outra, recite por sua voz como se eu a tivesse por empréstimo. É só essa a mensagem, príncipe. Não tem nada de supreendentemente estupendo. Ela é. A matéria. A transmissão de pensamento. O nó entre os tempos, todos os tempos se confabulando, um interferindo diretamente no outro. E todos os tempos são o agora, ao mesmo tempo. A palavra nó, sabe porque eu a escrevi ali atrás? Ou ali em cima. Porque ontem estávamos no bar do nó. Lá atrás alguém escutava Bib King e nós nos protegíamos da chuva embaixo dos toldos dez metros mais altos. E eu estava ali, e você estava ali. E eu estava escrevendo você, ao mesmo tempo. Escrevendo o tempo. O momento em que eu não estaria. Mas não é possível não estar. De algum modo sempre estamos. Vou cantar pra você uma música, quero te dar esse presente. E que bom que eu não estou pessoalmente, dado minha falta de talento pro canto. Mas na sua voz, a minha voz será presente. (*silêncio*).

**\*Canta Soluções de Jards Macalé. Ou outra proposta por Leo. Continua cantando até o fim da fala de Lud.**

*Quando você me encontrar*

*Não fale comigo*

*Não olhe pra mim*

*Eu posso chorar*

*Quando você me encontrar*

*Não fale comigo*

*Não olhe pra mim*

*Eu posso chorar*

## LUD

Oi marotinha! Que saudades de você. Como vai a vida, sapeca? Amo você. Soube das boas novidades que te rondam e vão te abraçando numa ciranda alegre ao violino de Mautner. Por entre flores e estrelas você usa uma delas como um brinco, penduradas na orelha. Flores e estrelas não causam nenhum tipo de irritação. E tem essa frase que tenho escutado com muita frequência: Nós somos feitos da matéria de que são feitos

os sonhos; nossa vida pequenina é cercada pelo sono. E dada a insistência com que Morfeu te abraça entre o inicio da manhã e final da tarde, tendo a dizer que a diferença entre vida e sonho está completamente diluída pra ti. Veja este momento, por exemplo. Ele é real? Essas pessoas à sua frente, se é que existem: Que fato curioso que estejam aqui agora. Logo aqui, logo agora. Logo elas. Que estudo a ser feito, que logo elas, justo elas estejam aí contigo e eu não. Como me chamaram hoje, Gabriela? Estou escutando a música que você cantou enquanto escrevo. E novamente, aqui nenhum segredo. Nada de precioso. Só o tempo, e o tempo, e o tempo, um sobre o outro. Como um tijolo, e outro tijolo, e outro tijolo, até formar um castelo no qual se entre e cujos descendentes morem. Aqui é minha colaboração de segundos, e segundos e segundos. Gotinha de chuva no mar. Ai do mar sem elas. O grande mar, vira e mexe, sempre chove em nós. Como hoje. O sal, até que não tem um gostinho tão mal. Aproveite imensamente o seu sonho. Agora, me deixe cantar pra você:

*Bem-te-vi*

*Bem-te-vi*

*Andar por um jardim em flor*

*Chamando os bichos de amor*

*Sua boca pingava mel*

*Bem-te-quis*

*Bem-te-quis*

*E ainda quero muito mais*

*Maior que a imensidão da paz*

*E bem maior que o sol*

*Onde estás?*

*Voei por este céu azul*

*Andei estradas do além*

*Onde estarás meu bem?*

*Onde estás?*

*Nas nuvens ou na insensatez*

*Me beije só mais uma vez*

*Depois volte pra lá*

**EDU**

A música era algo parecido com essa. Mais bem baixinho. Ela sorriu em nossos olhos. Estendeu a mão.

**LUD (mimetizando)**

Venham aqui.

**EDU**

Nós ainda um pouco trêmulos fomos nos levantando. E seguimos.

**LUD**

Difícil levantar daquele sofá. Saindo da sala, uma escada em caracol com degraus generosos lembrava uma árvore centenária. Mas não fomos até o segundo andar. À esquerda uma porta azul, fechada, onde imagino que fosse um banheiro. E em frente, pra onde seguimos, uma cozinha espaçosa, com armários brancos e azuis, janelas e uma porta de vidro que dava para um jardim.

**EDU**

Ela saiu para o jardim e nós continuamos com ela. Muitas pedras lá fora, de várias cores. Uma fonte de água fluída, uma imagem de Buda. Uma árvore imensa que crescia de forma estranha. Seu tronco iniciava quase paralelo ao solo, como se tivessem tentado derrubá-la muitos séculos atrás e quase tivessem conseguido. Depois ela continuava, sinuosa, para o alto, com uma copa imensa, de sombra doce.

**LUD**

Ela se sentou no tronco da árvore, passou a mão na grama fazendo voar as borboletas. **(mimetizando)** Essa é a minha casa predileta. Quando começar o chuvisco nós vamos.

**EDU**

Ficamos um bom tempo lá antes de começar o chuvisco. Tomando chá de hibisco. Antes de irmos o gato apareceu pela segunda vez. Nos deixou acaricia-lo um pouco. Muito tempo em silêncio.

**LUD**

O silêncio em companhia é uma das coisas mais bonitas que existem.

**(silêncio)**

**LUD**

Sinto falta dele.

**EDU**

Gabriela.

**LUD**

Queria poder ligar pra ela. Contar como foi o dia. Contar quem está aqui.

**EDU**

Ela gostaria também. Eu também gostaria. (*pausa longa*) Eu gostaria de dizer uma coisa. Eu não digo isso pra todo mundo porque pouca gente entenderia isso bem. Mas é a verdade, quero dizer agora pra você. Em algo o sucesso e a morte se assemelham. Sendo que a morte não existe. Se o sucesso é a concretização da expectativa mais otimista, a morte é uma expectativa pessimista de um futuro extremo. O último segundo do que se pensa como futuro pessoal: A morte. Mentira. Dos que estão aqui, ninguém nunca morreu. Mesmo aqueles de quem me entregaram as cinzas, já misturadas com as cinzas do caixão e provavelmente de outros mortos que ali estiveram momentos antes. No fogo intenso da fogueira que queima a essência antiga. Você segura com a matéria unida aquela matéria em cinzas que representam uma lembrança tão viva quanto ontem. E joga no mar e a onda te alcança. E você lava as mãos. Descobre que está vivo. Que o mar está vivo. Todos estão vivos. Da mesma forma que Gabriela está viva. Só não está aqui. Agora. A matéria do aqui-agora se mistura tão intensamente com as lembranças. O que é o aqui?

**LUD**

Aqui só o que se pode ver, ouvir e tocar.

**EDU**

Mas tem coisas que eu sinto. Sinto como se pudesse tocar. Como se pudesse engolir. O silêncio.

**LUD**

É o que mais escuto.

*(silêncio)*

**EDU**

Você conhece o ensaio de Fernando Pessoa sobre o luto? É uma das coisas mais pungentes que já li.

**EDU E LUD**

Um homem pego distraído depois de anos escondido em suas roupas medíocres. Sua pele em farrapos escondendo os pecados inenarráveis que ele mesmo já se forçara a esquecer. Pois que por milagre avesso foi pego e preso e subjugado a uma violência extrema. Encurrulado numa avenida gigante, provavelmente numa espécie de Paulista da São Paulo, foi deitado ao meio fio com um pesado soco na nuca. E não foram poucos na nuca, nem socos foram, os que se seguiram aos ponta pés e puxões de roupa e de

pele e de pêlos, todos, por todo o corpo e mais. Vieram tantos, repentinhas hienas com os rostos encobertos pelo plácido ódio que às vezes se multiplica na população; vieram a mutilar-lhe, decepar-lhe qualquer vestígio de dignidade que ainda o fizera caminhar ereto. Como se gritassem - Vai pra sempre caminhar de quatro, ou se rastejar feito cobra, e perder o direito a ser chamado homem! Por mais que não se preocupassem que fosse essa a sua última posição neste planeta; deitar-se na sarjeta e amaciando pontas de pés e quinas de mãos e falanges de dedo com a crista do olho e vomitar seu parco almoço e algum sangue que dali a pouco já não correria em suas veias. Assim foi tomado por uma dor tão intensa, e do medo que lhe engoliu até os fios de cabelo berrou uma inexistente clemência, tentando argumentar com urros e choros risíveis. Ele mal se lembrava de ser tão vil na PRIMEIRA quinzena de socos, só depois foi perdendo a capacidade de esquecer-se. E conforme ia perdendo os miolos também ia apiedando-se de si. Antes ainda teve ódio. Não de tanta gente unida e voraz, mas do único a quem ainda podia violentar. Saindo do corpo bruscamente, uniu-se aos populosos e deferiu também seus socos e cuspes e berros no saco de carne esparramado na avenida. Alguém precisava pagar por aquele vexame, e ao enxame fortificou-se em elo, batendo batendo e batendo no seu corpo inconsciente. e QUANDO a dor já era suficiente, em um pré-nirvana, dançou. E cada violência era um acorde em seu espírito, uma sonolência pacífica de quem, finalmente, acende fogo e queima fogueira em sua essência antiga.

## **EDU**

Quando a dor era suficiente

## **LUD**

Em um pré-nirvana dançou. Mas eu prefiro a versão final desse texto que o próprio Pessoa reescreveu quando mais velho. O ensaio sobre o sucesso.

## **EDU E LUD**

Uma mulher encontrada desatenta depois de anos camuflada em suas roupas caídas. Sua pele descuidada contendo as culpas inconfessáveis que ela mesma já se convencera a pertencer. Pois que por destino intenso foi alcançada em verso e confortada a uma beleza extrema. Abraçada numa avenida gigante, provavelmente numa espécie de Consolação da São Paulo, foi deitada ao inicio do sonho com um leve aceno no ombro. E não foram poucos no ombro, nem acenos foram, os que se seguiram aos beijos e abraços e toques na pele e eriçar de pêlos, todos, por todo o corpo e mais. Vieram tantos, repentinhas aves de seda com os rostos despertos pela plácida alegria que às vezes se multiplica na população; vieram a abençoar-lhe, oferecer-lhe todo prestígio e dignidade que ainda e sempre a fizera caminhar de peito aberto. Como se gritassem - Vai pra sempre desfilar no alto, ou sobrevoar feito ave, e perder-se do hábito de ser como te chamem! Por falso, óbvio que não se preocupassem que fosse essa a sua última posição neste planeta; deitar-se num sonho e reformular-se da ponta dos pés às peles das mãos e falanges dos dedos e crista do olho e o que come, o que professa e mesmo o sangue transmutado em símbolo de ouro, empolgado correndo em suas veias. Assim foi tomada por um amor tão intenso, e do medo que lhe engolia até os fios de cabelo

derramou-se iminente uma nova existência, sem tentar argumentar com raciocínios de pura lógica inverossímil. Ela mal se lembrava de ser tão sublime na PRIMEIRA dezena de beijos, só depois foi perdendo a capacidade de esquecer de si. E conforme ia perdendo o desconsolo também ia apiedando-se do outro. Antes ainda teve compaixão. Também de toda gente desunida e sem par, mas ímpar da única a quem podia habitar. Deixando o corpo sutilmente, uniu-se aos populosos e distribuiu também seus beijos e sopros e conselhos nos ouvidos do corpo deitado em sonho. Alguém precisava abrigar aquele benfazejo, e ao urgente desejo de amor fortificou-se em elo, beijando beijando e beijando o seu corpo cínsciente. e QUANDO o amor já era suficiente, em um pós-nirvana, dançou. E cada carinho era um acorde em seu espírito, uma consciência pacífica de quem, finalmente, encontra oceano e mergulha profundo em sua essência eterna.

## **EDU**

Quando o amor já era suficiente.

## **LUD**

Em um pós-nirvana dançou.

## **EDU**

Toda celebração deve ter dança. Você não acha estranho Lud, que as pessoas venham ao teatro e não dancem?

## **LUD**

O teatro enquanto metáfora da vida? Acho. Venham.

**\*Os dois vão abraçando o público iniciando uma pequena ciranda. Numa projeção os 4 caminham pela rua, cantando.**

## **EDU E LUD**

*É festa em Rios do Lado de Cá.*

*Calço o meu par nos pés, trajo  
algum pano bom e jeans e saio  
de casa.*

*Há um poema escrito há anos  
atrás: “Toda a sorte, aqui, é  
abençoada.”*

*Entro ao Vales de canela, pois sei que alí um terço do caminho é água*

e  
água

“O mar flutua num globo.” - Inscrevo no diário.

O diário que escrevo aqui É um presente  
que minha mãe me deu Nele narro um  
sonho que tive com você.

E nele há um outro sonho, com você também.  
Além de um terceiro sonho, com você.

Os dias... Ah,  
Os dias...

Os dias....  
Ah, Os dias...

Os dias,  
ah...

Ponta da costa de Porto! - Onde luz por um pássaro nú de anjo em vôo de  
estátua; Envolto por canções sobre um lugar febril de tanto mergulhar em  
si.

E lá um jovem fausto a me receber com olhos magros em  
vestes de rei caído e me convida pra beber.

E eu vou! Eu vou! Eu vou por  
que há um poema escrito há  
anos atrás: “Toda a sorte, aqui  
é abençoada.”

Chove fino neste bar – Isso é normal? E ele disse:  
“Não há caminho aqui pra se cobrir”

O mar flutua num globo.

*Já é de manhã; Que seres são esses com quem acordei? Pois vim de festa, bebi, bebi.. E agora eu?*

*E agora eu não sei.*

*Pois vim de festa, em outra festa eu caí, E os sonhos com você?*

*“Ahhhh, não vai embora agora ainda não, cara! Fica mais um pouco!”*

*“Ahhhhh, se você ficar vai ter um show de mágica incrível!!”*

## **LUD**

E hoje em dia, já que vivemos no futuro e ele é tão bom, a oração feita aos Deuses vem por via celular. É a re-ligação.

**\*Lud telefona pra Thor e todos conversam pelo viva-voz.**